A Mais Imperfeita Obra Perfeita

ensaio sobre o barro, o sopro e o que fizemos de ambos

Renato Gonçalves da Silva

"Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra, e pesou-lhe em seu coração."

Gênesis 6:6

RENATO GONÇALVES DA SILVA

I

A bancada do Oleiro

Há uma cena que os livros sagrados contam depressa demais. Deus se inclina sobre o pó do chão, molda uma forma, sopra-lhe nas narinas, e o barro se levanta e anda. Ninguém registrou quanto tempo o Oleiro ficou olhando a peça antes de soprar. Eu gosto de imaginar que foi demorado. Que Ele a girou nas mãos, conferiu cada curva, pensou no que aquela coisa frágil haveria de ser quando estivesse de pé. E que, satisfeito, pronunciou a palavra que encerra o sexto dia: era muito bom.

Muito bom. Não "razoável", não "aceitável dentro das circunstâncias". Em toda a narrativa da criação, a luz foi boa, as águas foram boas, as plantas e os bichos foram bons. Só depois do homem a avaliação sobe de tom. É o único superlativo do relatório.

Pois bem. Passados alguns milênios, convém voltar àquela bancada e examinar a peça. Não com o olhar devoto de quem acende vela, mas com o olhar frio de quem faz vistoria. Quem passou a vida inteira ouvindo partes, testemunhas e réus aprende uma coisa simples: o que um homem declara sobre si vale pouco; o que ele faz é que vai para os autos.

II

A vistoria

Comecemos pelo que se vê da janela.

Produzimos comida bastante para alimentar o planeta inteiro e ainda enterramos gente de fome. Descobrimos remédios que curam e os trancamos atrás de patentes e tabelas de preço. Levamos o homem à Lua e não conseguimos levá-lo até a porta do vizinho. Temos mais meios de comunicação do que todas as gerações anteriores somadas e nunca nos entendemos tão pouco. Carregamos a vida inteira num aparelho que cabe no bolso e não sabemos o nome de quem mora no andar de cima.

Fizemos da fé, que deveria ser ponte, uma trincheira. Matamos em nome de Deus com uma desenvoltura que faria corar qualquer demônio que se preze. Porque até o diabo, nas histórias antigas, tinha a decência de assinar o próprio nome. Nós assinamos com o nome do Pai.

Inventamos o tribunal para fazer justiça e logo aprendemos a usá-lo para adiá-la. Escrevemos a lei para proteger o fraco e, na mesma tarde, encontramos a brecha que protege o forte. E raramente o homem mente com tanta convicção quanto no instante em que jura dizer a verdade.

A tudo isso damos o nome de humanidade. Palavra curiosa: batiza a espécie e, ao mesmo tempo, a virtude que a espécie mais abandona. Quando alguém pratica um gesto de compaixão, dizemos que foi humano. Quando pratica uma atrocidade, dizemos que foi desumano. Como se a crueldade pertencesse a outra espécie. Não pertence. Nenhum lobo projetou um campo de extermínio. Nenhuma serpente redigiu a lei que tornou legal vender gente. Fomos nós, com estas mãos de barro e este sopro emprestado.

A humanidade desumana não é um vício de linguagem. É retrato de família.

III

Imagem e semelhança

"Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança." A frase sobreviveu a todos os impérios que a citaram. Resta saber se ainda descreve alguma coisa.

Os antigos Padres da Igreja, Ireneu de Lião entre os primeiros, repararam num detalhe que o leitor apressado não vê: o texto usa duas palavras, e não uma.

© 2026 Renato Gonçalves da Silva

Imagem e semelhança. E recusaram-se a tratá-las como sinônimos. A imagem seria o que nos foi dado de saída: a razão, a consciência, a liberdade, a capacidade de amar e de criar. A semelhança seria o que nos caberia conquistar, o uso dessas faculdades na direção de Quem as concedeu. A imagem é a semente. A semelhança é o fruto.

Se a leitura estiver certa, e eu creio que está, a resposta à pergunta é incômoda. A imagem persiste. Ninguém a arranca de nós; nem o pior dos homens deixa de pensar, de escolher, de criar. O assassino planeja com a mesma inteligência que o santo emprega para servir. O corrupto tem a mesma consciência que o justo. Apenas aprendeu a mandá-la calar.

A semelhança, essa nós perdemos. Ou, para ser exato, nunca a procuramos a sério. Carregamos o retrato de Deus na carteira como quem carrega a fotografia de um parente rico que nunca visita: mostramos quando convém, escondemos quando atrapalha.

E aqui mora a ironia mais fina de todas. Usamos justamente a imagem, a inteligência, a vontade, o poder de criar, para fugir da semelhança. Fizemos do dom uma arma contra o Doador. É como se a escultura, ao ganhar mãos, as empregasse para quebrar o cinzel.

IV

Homem e mulher os criou

O texto não para na imagem. Prossegue: homem e mulher os criou. Repare bem. A imagem de Deus não foi depositada num indivíduo solitário, mas num par. Há nisso uma teologia inteira que os séculos fizeram questão de esquecer. Se o divino se reflete no humano, reflete-se na relação, no encontro, na complementaridade de dois que não são iguais e não precisam ser.

E o que fizemos disso? Convertemos complemento em hierarquia, diferença em desigualdade, encontro em disputa. Por séculos o homem usou a força para se declarar cabeça, e a mulher, para sobreviver, teve de escolher entre a invisibilidade e a armadura. Hoje, quando finalmente se discute a dignidade de ambos, discute-se tantas vezes como quem cava trincheira: cada lado contando as próprias feridas como quem conta munição.

Não era isso que a argila prometia. Homem e mulher foram moldados para ser, juntos, a assinatura de Deus na matéria. Separados pela guerra, cada um carrega apenas metade da firma. E meia assinatura, qualquer tabelião sabe, não se reconhece.

© 2026 Renato Gonçalves da Silva

V

A tristeza do Artista

Há no Gênesis o versículo que abre estas páginas, e que os pregadores costumam atravessar na ponta dos pés: o Senhor arrependeu-se de ter feito o homem, e isso Lhe pesou no coração. Os teólogos correm a explicar que Deus não se arrepende como nós, que se trata de linguagem humana aplicada ao que é divino. Têm razão. Mas a linguagem humana foi escolhida, e foi escolhida por algum motivo. O texto quer que sintamos o peso.

Pense no pintor que dedicou a vida a uma tela e um dia a encontra pendurada num botequim, riscada de canivete, servindo de alvo para dardos. Pense no compositor que ouve a própria sinfonia virar trilha de anúncio de veneno. Agora multiplique pelo infinito.

Se Deus chorasse, e as tradições místicas de quase todos os povos insistem que, de algum modo, Ele chora, não seria pelas nossas quedas. Toda criança cai. Choraria pela nossa teimosia em cair do mesmo lugar, do mesmo jeito, pelo mesmo motivo, há milhares de anos, e ainda chamar a isso de progresso.

VI

A perícia

Chego, enfim, à pergunta que me trouxe até aqui, e a formulo como faria qualquer perito diante de uma peça defeituosa. Deus não erra. É a premissa, e não pretendo negociá-la. Se o produto saiu falho, a falha está no material. Examinemos, então, o material.

A argila? Não pode ser. Do mesmo barro, o mesmo carbono, o mesmo cálcio, a mesma água salgada correndo nas veias, saíram Francisco de Assis e os carrascos da fogueira. Saíram Chico Xavier e os mercadores de gente. Saiu a mão de um surdo que escreveu a Nona Sinfonia e a mão que acendeu os fornos. O barro é o mesmo. Se o defeito estivesse nele, não haveria santos. E há.

A água que deu a liga? Também não. A água, aqui, é o sopro, o espírito, a centelha. Se a centelha fosse defeituosa, ninguém jamais teria sentido aquele desconforto íntimo diante do próprio erro, aquela voz que não se cala às três da manhã. A consciência que nos acusa é a prova de que a água era boa. Defeito não costuma denunciar a si mesmo.

Então, o quê?

© 2026 Renato Gonçalves da Silva

Resta um ingrediente que não estava na argila nem na água e que, no entanto, entrou na receita. O Oleiro, por razões que só um amor muito grande explica, misturou à massa algo que Ele próprio decidiu não controlar: a liberdade.

Eis a chave do enigma, e ela não é confortável. Deus poderia ter feito uma obra perfeita no sentido em que é perfeito um relógio suíço: cada engrenagem no lugar, nenhum desvio, nenhuma surpresa. Bastaria tirar-nos a escolha. Teria então um mundo de bonecos impecáveis, que O louvariam com a pontualidade de um cuco. E não haveria, em todo o universo, um único gesto de amor, porque amor que não pode recusar não é amor. É mecanismo.

Ele não quis bonecos. Quis filhos. E filhos, todo pai e toda mãe sabem, um dia saem de casa. Alguns voltam. Outros esquecem o endereço.

A perfeição da obra, portanto, não está no que ela faz, mas no que ela pode vir a fazer. Deus criou um ser capaz de chegar até Ele, e para isso teve de criá-lo capaz de seguir na direção oposta. A imperfeição que vemos não é defeito de fabricação. É o preço da única coisa que valia a pena fabricar.

Daí o paradoxo do título. Somos a mais imperfeita obra perfeita porque somos a única obra que recebeu a incumbência de terminar a si mesma. Os astros estão prontos. As montanhas estão prontas. O mar não tem nada a acrescentar ao mar. Só o homem saiu da bancada inacabado de propósito, com o cinzel nas próprias mãos.

VII

O que Ele esperava

O que esperava, então, o Artista?

Não esperava santos de nascença; esses Ele mesmo os teria feito. Esperava coisa mais difícil: que o barro, sabendo-se barro, escolhesse a luz. Que o forte, podendo esmagar, amparasse. Que o rico, podendo acumular, repartisse. Que o homem e a mulher, podendo disputar, se completassem. Que o juiz, podendo vender a sentença, a fizesse justa. Que cada um de nós, tendo nas mãos o poder de ser lobo, preferisse ser irmão.

Esperava que usássemos a liberdade para nos tornarmos aquilo que já éramos em semente.

Não o fizemos. Ou fizemos pouco, aos trancos, e sempre com a impressão de que o mundo nos devia aplausos pelo mínimo. Há quem dê esmola e queira recibo. Há quem perdoe e cobre juros. Há quem reze de olhos fechados para não ver o mendigo na escada da igreja.

© 2026 Renato Gonçalves da Silva

VIII

O vaso ainda está na roda

Não escrevo para que o leitor saia destas páginas abatido. Escrevo para que saia incomodado. O abatimento paralisa; o incômodo pode mover.

E não há aqui absolvição coletiva a oferecer. O mundo não vai melhorar porque "a humanidade" resolveu melhorar. A humanidade não resolve nada; é uma abstração, e abstrações não estendem a mão a ninguém. Quem resolve é você, hoje, diante da próxima pequena escolha que ninguém vai testemunhar. É ali, longe de qualquer plateia, que a semelhança se ganha ou se perde.

Jeremias desceu certa vez à casa do oleiro e viu o vaso estragar-se nas mãos do artesão. O oleiro não o atirou fora. Tornou a amassá-lo e fez dele outro vaso, como lhe pareceu melhor. A lição não é sobre o defeito do vaso. É sobre a paciência de quem o modela.

A argila é boa. A água é boa. O sopro continua soprando. Falta apenas a parte que Ele deixou por nossa conta, e cada manhã que amanhece é a prova de que o Artista ainda não desistiu da obra.

A pergunta que fica, e que cada um terá de responder sozinho, sem plateia e sem desculpas, é outra:

quando é que a obra vai parar de desistir do Artista?

Avaré, outubro de 2026.

Renato Gonçalves da Silva

Renato Gonçalves da Silva

© 2026 Renato Gonçalves da Silva. Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução, total ou parcial, por qualquer meio ou processo, sem autorização prévia e expressa do autor.
Obra protegida pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (Lei de Direitos Autorais).

© 2026 Renato Gonçalves da Silva